

ECONOMIA □ Seminário reafirmou que a salvação está nas exportações

# Portugal tem de se organizar para produzir mais e melhor

Duas PME concelhias mostraram dinamismo que lhes garante um certo sucesso internacional. Capacidade de inovar e fiabilidade são seguros contra a crise.

Alberto Oliveira e Silva

"Temos de mudar" e temos de "deixar de ser chico-espertos". Eis duas conclusões possíveis, ainda que sumárias, do seminário "Como exportar no cenário global", que decorreu na passada terça-feira, no auditório da Biblioteca Municipal, e que juntou actores institucionais do panorama económico e empresarial português e empresas apresentadas como "de sucesso", duas delas do município.

Abrindo as "hostilidades" e no espírito do tema, Américo Azevedo, da Azevedos Indústria - Máquinas e Equipamentos Industriais S.A., de Lourosa, constatou que, numa perspectiva empresarial, "o mundo" é o cenário em que uma empresa ambiciosa deverá estar preparada para actuar.

A "Azevedos" foi fundada em 1964, produz bens de equipamento, como máquinas para indústria corticeira, conta com 40 empregados e o seu volume de negócios anda pelos 3,5 milhões de euros - se bem que já tenha conseguido chegar aos 5 milhões -, exportando "perto de 50 por cento" da produção.

Américo Azevedo partiu da pergunta "Por que é que nos devem comprar a nós?", para estruturar uma intervenção que pôs o acento tónico na necessidade das empresas portuguesas, sobretudo as que querem exportar, se convencerem de que "o poder está no mercado", logo "tudo deve ser visto na perspectiva do cliente".

O empresário postulou que é preciso "mudar" práticas empresariais, apesar de reconhecer que tal "é difícil". Mas disse ser es-



Duas empresas do Concelho partilharam a sua visão de negócio no seminário.

sencial que as empresas demonstrem "capacidade de resolver os problemas que lhes são postos pelos clientes". E ter a capacidade de fazer "em qualquer parte do mundo". No fundo, há que "fazer diferente e com mais valor acrescentado".

Quanto a estratégias, Azevedo salientou os "quatro vectores" para o sucesso: qualidade, preço, capacidade de resposta e uma flexibilidade que tem a ver com "ser capaz de mudar sem perder capacidade produtiva". A "visão" da Azevedos Indústria é ser reconhecida como um "centro de competência e excelência tecnológica" no seu sector.

Armindo Oliveira, por seu lado, deu conta das oportunidades que se estão a abrir à Egitron - Engenharia e Automação Industrial, Lda., de Mozelos. Para iludir a crise, e mais crises que se possam deparar, tratou de buscar novos caminhos para lá do sector da cortiça, onde se iniciou. Por isso, diz, "bendita crise!".

A Egitron foi fundada em 1997, tem 10 funcionários e produz equipamentos e software na área da qualidade e da inspeção, exportando para cerca de 30 países de vários sectores de actividade. Destacando que o desenvolvimento de projectos inovadores é uma constante na sua firma, o empresário testemunhou que a busca de novas oportunidades

lhe tem permitido "alargar competências" e transportá-las para empresas fora do sector original.

"Só nos falta organização e planeamento" - sublinhou Armindo Oliveira, referindo-se ao mundo industrial português. E deixa o conselho de que se elimine uma certa mentalidade de "chico-esperto", cativando uma clientela transnacional através da capacidade/qualidade e também da "persistência".

O patrão da empresa de Mozelos deu o exemplo do que é preciso para ganhar estatuto de exportador ao contar que, "ainda há pouco tempo", a Egitron "desenvolveu um novo produto" em função das necessidades de "uma das maiores adegas da Alemanha" que é sua cliente. "Tive de ir lá e arranjar uma solução em conjunto com eles" - testemunhou. Até ao momento, exportou 52 por cento da produção do ano, mas espera chegar a Dezembro com um valor percentual mais elevado.

## Exportar, exportar, exportar...

"A saída da crise está nas exportações". José António Barros, presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP), um dos oradores do seminário, foi peçomptório. E fez notar que, devido a uma "dívida externa bruta que é hoje já superior a 200 por

cento do PIB (Produto Interno Bruto)", não é possível contornar o mau momento económico através da promoção da procura interna. "Se noutras economias, com um mercado interno mais vasto e agentes económicos menos endividados, se justificarem estratégias anti-cíclicas mais baseadas em estímulos ao consumo, em Portugal, a recuperação da economia terá de assentar, necessariamente, nas exportações" - vincou.

Barros defendeu um aumento do investimento, desde que "canalizado para sectores que tenham capacidade para incrementar as exportações ou reduzir as importações, ou seja, para os sectores produtores de bens e serviços transaccionáveis".

A diversificação de mercados, reduzindo a nossa dependência, em termos de comércio externo da União Europeia (UE) foi um dos caminhos apontados pelo presidente da AEP. Enumerando como exemplos de alvos prioritários países como Angola, Brasil, Rússia, Irão e China, salientou que os sectores exportadores portugueses "terão de ganhar produtividade" que franqueie as portas desses mercados, fazendo-o "num contexto de moderação salarial" que possibilite uma redução dos "custos laborais".

O objectivo das empresas portuguesas deverá ser a concepção

e fabrico de "produtos desejados e inovadores, a preços competitivos". E considerou que a tão desejada e sempre mencionada "inovação" passa por "melhorar todos os dias um pouco". Um trajecto que deverá incluir a criação de "marcas próprias" e que, com especial ênfase para as PME (Pequenas e Médias Empresas), deverá incluir o estabelecimento de "consórcios e parcerias com outras PME", de forma a que ganhem "massa crítica para a abordagem, em conjunto, de novos mercados". Os "acordos com empresas de maior dimensão que tenham já presença nesses mercados" desejados e o aproveitamento das vantagens que poderão ser proporcionadas pela língua portuguesa e pela diáspora lusa também foram aduzidos.

Os fundos disponíveis no QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional), os 250 milhões de euros que o Fundo para a Internacionalização do recém-constituído Conselho para a Promoção da Internacionalização (CPI) irá dispor e os 450 milhões da linha de crédito "PME Investe VI" foram enunciados por José António Barros como meios adicionais para se ganhar a "batalha das exportações".

O vereador do Desenvolvimento Económico, Celestino Portela, e o vice-presidente da Câmara, Emídio Sousa, abriram e encerraram o seminário, respectivamente, tendo, no primeiro caso, salientado os esforços da autarquia de Santa Maria da Feira para apoiar o dinamismo empresarial e até para o renovar, com as apostas na criação de três parques empresariais - Feira Park, Parque Empresarial da Cortiça (PEC) e Parque Empresarial de Recuperação de Materiais (PERM). E, no segundo caso, lamentou-se que o Estado esteja "a estragar isto tudo", entendendo-se por "isto tudo" a economia portuguesa.

Emídio Sousa denunciou, em especial, "a carga fiscal brutal que abafa qualquer negócio". Afirmando que "o Estado é, por natureza, ineficiente", o vice-presidente da Câmara considerou que está a "malbaratar a riqueza criada pelas empresas".